

Uma conversa antes da consulta. Por Juliana Fernandes Gontijo.

- Com licença?
- Tudo bem, fique à vontade, senhora.
- Será que vai demorar muito para atender hoje?
- Não sei.
- É a sua primeira vez aqui?
- Sim.
- A médica é muito boa, viu?
- Espero mesmo que seja.
- Eu já consulto com ela há muitos anos.
- Ah... Bom saber.
- Eu tive meus três filhos com ela. Tem mãos abençoadas. Venho aqui desde que tinha 2 anos de formada, acredita?
- Sério?
- Sim.
- Eu estou apreensiva...
- Desculpe a pergunta, mas por quê?
- Há algumas semanas, venho sentindo umas dores na barriga e não sei do que se trata...
- Se Deus quiser, não vai ser nada.
- Mas eu tenho medo.
- Vai dar tudo certo!
- Espero...
- Tudo vai ficar bem. Mentalize: “tudo vai dar certo!”
- Espero muito...
- A minha falecida avó sempre me dizia: “Fía, às vez nós cai, mais depois levanta...”
- Não é pessimismo, sabe... Mas eu acho que sou azarada... Se tem um em mil que dá o problema, esse um sou eu...
- Que ansiedade, fica calma, moça!
- Eu tento, mas não consigo...
- Não fale coisa ruim, só atrai! Os meus filhos hoje já são adultos, passei por muitas dificuldades. Doutora Sílvia sabe de tudo.
- Seria falta de educação, se eu perguntasse quantos anos a senhora tem?
- Cinquenta e cinco, muito bem vividos.
- Eu tenho 24, mas eu estou muito medo... E se...
- Não pense no “e se”!
- Mas...
- Pense positivamente. Sua vida precisa disso!
- É que a minha mãe teve problema de câncer.
- E ela como está hoje?
- Já faleceu, mas não foi câncer! Ela teve a cura. Descobriu rápido. Traumatismo craniano por acidente de carro.
- Sinto muito! Mas não foi do câncer, então não tem que se preocupar.
- E a genética?!
- Não pense em genética! Você tem uma vida pela frente!
- Sim... Estou estudando Nutrição, vou me formar no ano que vem. Quero um dia me casar, ter filhos...
- Pois aí está! Foque nisso!
- Mas...
- Como você se chama?
- Gisele, e a senhora?
- Maria de Fátima, muito prazer! Pare de falar “mas”, “e se”, garota! - Diga assim: “Eu quero, eu posso, eu consigo!”.
- Tudo bem, Maria de Fátima!
- Desculpe, eu não queria te importunar, Gisele...

- É que eu preciso ler esse texto da faculdade.
- Então... Só mais uma coisinha?
- O quê?
- Por muitos anos, eu sofri violência física pelo meu marido que era viciado em bebida. Passei anos sofrendo em casa, ele me batia muito. Foram cinco vezes que relatei no hospital queda na escada... Eu sempre tive medo de denunciá-lo. E na minha casa, nem escada tinha.
- Nossa...
- Ele saía para trabalhar na mecânica do nosso vizinho e quando voltava à noite, estava fedendo a cachaça, agressivo. Eu mandava meus filhos correrem para o quarto. Eu queria protegê-los!
- Mas por que a senhora tinha medo de denunciar?
- O irmão dele era policial. O João Marcus nunca acreditava no que eu falava, somente no Julião... Então eu não podia fazer nada...
- Mas e se fizesse uma denúncia anônima?
- Como? Na rua, ele era um doce comigo. Às vezes, íamos a um pequeno restaurante perto de casa e até flores ele comprava pra mim.
- Os vizinhos não percebiam?
- Não! Ninguém jamais ouviu um grito, mesmo ele trabalhando com nosso vizinho, Tadeu. Eu engolia a violência calada! Eu tenho marcas no corpo. Olha essa no braço! Foi com um porrete que tinha um prego espetado na ponta... Acho que se soubesse das agressões, mandaria o Julião embora! Eu não trabalhava fora, então íamos passar necessidade...
- E seus filhos?
- Eles também não falavam nem na escola, tinham medo do pai. Viam aquele homem chegando bêbado e já saíam correndo...
- E eu reclamando das minhas dores...
- Cada um tem sua dor, Gisele. Eu apenas queria te dizer que...
- É o calo do nosso sapato. Cada um sabe onde ele espeta, não é, Maria de Fátima?
- Viva a sua vida, menina! Pense o quanto você pode ser feliz. Deixe o “mas” e o “e se” de lado!
- Eu tento, Maria de Fátima. Fico com medo de ter o mesmo problema da minha mãe, foi no útero. E se eu não puder ter filhos?
- Adote um filho, tem tantas crianças precisando de um lar, não é verdade?
- Eu quero TER um filho!
- Já disse! Pense positivamente que tudo vai dar certo!
- Sim... Eu quero que dê certo... E o seu marido?
- Ah... Um dia, ele foi me agredir com uma garrafa de cachaça e o João Marcus chegou em casa na hora do pega-para-capá!
- Graças a Deus, hein? Ufa!!! Ou a senhora não estaria aqui me contando tudo isso...
- Pois é! Ele foi meu santo protetor, viu? Eu estava de costas, lavando os pratos da janta... Dei sorte que a porta de casa estava aberta e meu cunhado chegou na hora.
- E os seus filhos?
- Estavam na vizinha, por isso a porta ficou aberta.
- O João deu nele uma gravata bem na hora H. Passei por cima deles e fui para o quarto chorar...
- O que aconteceu depois?
- Meu cunhado deu voz de prisão ao Julião. Chamou a viatura e eu vi ele algemado. Eu não sabia se estava triste ou feliz.
- E aí?
- Julgado e condenado, passou 15 anos na cadeia. Um juiz amigo do João Marcus não deu chance a meu ex-marido. Assustei no início, mas ele foi duro... Vi que foi o melhor pra nós.
- Como?
- No fim da audiência, ele disse: “Isso é pra você nunca mais pensar em levantar a mão para uma mulher, muito menos para a mãe de seus filhos. Você os ama? Se não, vai aprender amar ficando longe deles por muitos anos e numa cidade bem longe daqui.” Julião não teve escolha. Fiquei sabendo que passou “maus bocados” na cadeia. Ficou até na solitária”, porque outros bandidos queriam acabar com ele!
- E a senhora com as crianças?

- Precisei dar os meus pulos. Saí pra trabalhar de faxineira; depois arrumei um emprego de cozinheira numa empresa. Coloquei meus filhos em creche para poder trabalhar mais sossegada... Eles cresceram, arrumaram cada um o seu trabalho e foi assim...
- E quanto tempo tem isso?
- Há 5 anos, ele saiu da cadeia, voltou para cá. Queria meu perdão de todo jeito. Disse que havia mudado, que me amava...
- O que a senhora respondeu?
- Ah, eu disse friamente: "Passei 15 anos da minha vida sozinha, criando nossos filhos sem sua ajuda. Não preciso de você, do seu falso amor. Eu te perdoo, mas suma da minha vida! Ele chorou. Problema dele! Que fique longe de mim pra sempre!".
- Acho que foi o melhor que a senhora fez...
- Ô, se foi! Só te dou um conselho, menina! Não acredite em qualquer um por aí que te jura amor eterno, que te promete "mundos e fundos". Isso não existe!
- Muito obrigada pelos seus conselhos, Maria de Fátima...
- E não pense que um tapinha não dói... Ele pode, sim, doer a vida toda! Denuncie, garota! Não faça o que eu fiz por muito tempo.
- Eu vou pensar nisso, pode ter certeza!
- Pense mesmo, Gisele. E seja mais positiva com você mesma. Para tudo na vida tem recurso, só para a morte que não...
- Maria de Fátima Siqueira?
- Sou eu!
- A senhora pode entrar.
- Tchau, Gisele...
- Foi um prazer conhecer a senhora, obrigada por tudo!...
- Quem sabe um dia a gente se vê de novo? Quero que você seja muito feliz, viu, menina?
- A senhora também.

Maria de Fátima fechou a porta do consultório.

Naquele momento, a chave "virou" na cabeça da estudante de nutrição. Uma mulher que ela nunca havia encontrado deu-lhe uma chamada de vida com uma conversa rápida numa sala de espera de consultório...

Sim, a vida é assim mesmo: uns vêm, outros vão, e os sentimentos e as histórias permanecem... Para sempre!
